

Campbell, Lyle (2022). *Linguist on the loose. Adventures and misadventures in fieldwork*. Edinburgh University. Pp. 285. ISBN 9781474494144 (Hardback).

Resenhado por

Angel Corbera Mori

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-1712-6550>

Camille Cardoso Miranda

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3920-6247>

Linguist on the loose. Adventures and misadventures in fieldwork (2022) é a nova publicação do linguista norte-americano Lyle Campbell, professor emérito da área de linguística da University of Hawai'i at Manoa. Campbell desempenhou suas atividades acadêmicas e de pesquisa nas universidades de Missouri, State University of New York at Albany, Louisiana State University, University of Canterbury, University of Utah, nesta universidade também se desempenhou como diretor do Center for American Indian Languages (CAIL). Sua trajetória acadêmica inclui sua atuação como professor visitante em países de fala espanhola, entre elas o Colégio de México, Escola Nacional de Antropologia e História e a Universidade Nacional Autónoma de México. Atuou como professor convidado em universidades do Brasil, dentre elas Universidade de Brasília, Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas, e como conferencista principal em congressos internacionais da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

No campo dos estudos linguísticos, Lyle Campbell se caracteriza por ser um grande conhecedor das línguas ameríndias, tendo se dedicado à documentação, descrição e revitalização de línguas indígenas faladas nos países de México, América Central, países de Guatemala e o Salvador. Seus estudos na América do Sul incluem as línguas do Chaco Argentino, sobretudo a língua falada pelo povo Nivaclé, merecendo especial destaque as publicações *The indigenous languages of South America: A comprehensive guide* (2012) e *Nivaclé grammar* (2020). Informações adicionais podem ser encontradas no link de seu Curriculum Vitae.¹

Linguist on the loose. Aventures and misadventures in fieldwork consta de oito capítulos e um prefácio escrito pelo antropólogo canadense Wade Davis. Davis destaca a trajetória de Campbell como um acadêmico que sempre “resistiu às pressões da ortodoxia acadêmica para se dedicar à concretização de trabalhos considerados de vital importância” (p. x, tradução nossa).² Sem dúvida, Lyle Campbell dedicou-se, sem desprezar estudos mais orientados para as Teorias Linguísticas, à documentação, descrição e revitalização da diversidade linguística das línguas e culturas dos povos minorizados, sobretudo ameríndios.

Desde o primeiro capítulo 1 “*What’s a linguist do, anyway? What’s linguistic fieldwork?*” (Afinal, o que um linguista faz? O que é trabalho de campo linguístico? p. 1-25), o autor já traz um breve resumo de sua identidade como linguista e professor dedicado especificamente ao trabalho de campo abarcando um leque diverso de línguas e culturas com

¹ <http://ling.hawaii.edu/wp-content/uploads/Campbell-CV-2021.pdf>

² “[R]esisted the pressures of academic orthodoxy to do work that he knew to vitally important” (p. x).

especial ênfase nas línguas ameríndias. Portanto, esta publicação é dedicada a mostrar tanto sua experiência de trabalho de campo na pesquisa linguística quanto sua aprendizagem adquirida no transcurso de sua trajetória com o estudo e resgate de línguas e culturas ameaçadas de extinção. Além disso, o autor deixa explícito a relevância da interface entre a documentação e o trabalho de campo para aumentar o nosso entendimento da triste situação das línguas ameaçadas de extinção e objetivando contribuir com o desenvolvimento da Teoria Linguística.

A princípio, Campbell procura responder três questões essenciais, tais como: O que é um linguista? O que é trabalho de campo linguístico? Porque fazer trabalho de campo linguístico?

Referente à primeira questão, Campbell traz à tona os variados conceitos populares relacionados ao fato de ser um linguista, dentre eles o mais clássico: o linguista visto como um indivíduo que conhece ou fala várias línguas. Ele deixa explícito o que um linguista faz não tem nada que ver com essa visão. Longe disso, as pessoas que optaram por serem linguistas “investigam e analisam as línguas para fins específicos, e diferentes linguistas têm motivos diferentes para escolher e estudar a língua que fazemos e para fazer o tipo de pesquisa que fazemos” (Tradução nossa, p.6).³

Em seguida, é abordada a questão do trabalho de campo, em que consiste e como é conceituado. É comum encontrar definições de trabalho de campo que variam desde uma visão mais ortodoxa até um conceito menos restritivo. No entender do autor, o conceito poderia ser o mais abrangente para poder incluir as diversas maneiras de concretizar um trabalho de campo linguístico. Nessa perspectiva, o trabalho de campo pode ser definido como: “Investigação realizada com um falante ou falantes de uma língua, a fim de obter conhecimento dessa língua para fins linguísticos” (Tradução nossa, p. 8).⁴ Uma discussão mais ampla sobre este tópico pode ser encontrada em Meakins; Green; e Turpin (2018).

Nos que fazeres do trabalho de campo linguístico são elencadas diversas atividades, principalmente as relacionadas com a documentação linguística e ao estudo da diversidade linguística, que leva a submergir em uma compreensão mais acurada para entender as potencialidades e limitações da cognição humana. A importância de ter como alvo a documentação de línguas pouco conhecidas ou ainda não descritas cobra destaque no texto de Campbell, e que se relacionam com a justiça social, os direitos humanos e os direitos linguísticos dos diversos povos ameríndios.

O capítulo 2 “*Fieldwork adventure*” (Aventura do trabalho de campo, p. 26- 38) é dedicado a uma visão panorâmica em torno ao que o autor considera trabalho de campo, que, simultaneamente, pode resultar em aventuras e diversões. Contudo, como o autor reconhece, nem sempre o trabalho de campo resulta confortável. Ao contrário, há vezes que pode ser desconfortável e até perigoso. Por exemplo, o trabalho de campo pode não ser pacífico em regiões onde há presença de narcotraficantes, grupos armados ou mesmo em regiões onde os povos estão envolvidos em protestos reclamando seus legítimos direitos de seus territórios ancestrais.

As experiências do autor focalizam suas pesquisas com línguas indígenas faladas por povos habitantes originários da América do Sul, América Central e México (América do Norte). Dentro de suas recordações, Campbell lembra quando, ainda estudante de graduação, teve a chance, pela primeira vez, de se inserir no estudo das línguas indígenas, atuando como estagiário de pesquisa em um projeto sobre a elaboração de uma gramática pedagógica da variedade quéchua falada em Cusco (Peru) e em regiões da Bolívia. Posteriormente, Campbell se encontraria documentando a língua Guazacapán Xinkan, uma das quatro línguas da família

³ “linguists investigate and analyze languages for particular purposes, and different linguists have many different reasons for choosing and studying the language that we do and for doing the kind of research we do” (p. 6).

⁴ “Investigation undertaken with a speaker or speakers of a language in order to gain knowledge of that language for linguistic purposes” (p. 8).

linguística Xinkan, no sudeste da Guatemala. Atualmente, todas essas línguas deixaram de ser faladas.

Uma de suas aventuras narradas, nesse capítulo, relaciona-se ao fato de ter sido, inicialmente, visto como gringo “*come-gente*” ou como feiticeiro com a capacidade de se transformar em qualquer bicho. Em Guatemala, este termo era muito usado para se referir aos médicos estrangeiros, os “gringos”, que desempenhavam suas tarefas em hospitais do município de Guazacapán, longe dos centros urbanos da Guatemala. Inicialmente, o fato de os pesquisadores de campo ser vistos como feiticeiros ou “*comedores-de-gente*” se encontram também em outras partes do mundo, e fazem parte do imaginário e de mal-entendidos quando se confrontam culturas diferentes. Por exemplo, pela década dos anos 80 na Amazônia peruana, os linguistas de campo eram catalogados de comunistas, “*come-gente*”, visão espraiada por pessoas acostumadas a explorar os diversos povos indígenas da Amazônia.

Os diversos relatos expostos nessa seção mostram claramente as diferenças a serem consideradas quando a cultura local e a exógena se confrontam, fato pelos quais todo linguística de campo deve ser ciente em sua maneira de atuar. Nesse sentido, como diz o autor, o trabalho de campo envolve aventura, romance, descobertas de novos conhecimentos, contribuições tanto para a linguística quanto para os falantes dos povos com os quais se trabalha e que no fundo é uma forma de recompensa pessoal e um aporte para o avanço em benefício da ciência e de outros seres humanos (p. 37).

“*Discoveries*” (Descobertas, p. 19-74) é o tema do capítulo 3, direcionado à compreensão do porque os linguistas escolhem fazer trabalho de campo. Em vista disso, Campbell assume que os linguistas e outros acadêmicos se interessam em adquirir novos conhecimentos, encontrar novas “descobertas” que diferem daquelas que o leigo possa entender. Algumas “descobertas” no campo das análises das línguas resultam muito estimulantes para o linguista, como mostra a experiência pessoal descrita, com minuciosos pormenores pelo autor (p. 39-74). Vários aspectos relacionados às estruturas das línguas que o pesquisador encontra em seu trabalho de campo advém em resultados significativos que podem originar algumas mudanças, reajustes ou abandono de certos postulados teóricos baseados em estruturas das línguas indo-europeias ou, em muitos casos, tomados a partir apenas considerando estruturas do Inglês.

O mais emocionante das “descobertas” ocorre quando se encontra uma nova língua que precisa ser estudada; por exemplo, o achado por Campbell em 1970 do Jumaytepeque Xinka, língua da família Xinkan falada no departamento de Santa Rosa, região sudeste da Guatemala. Prontamente, Campbell e seu colega Terrence Kaufman⁵ trabalharam com os últimos Jumaytepeque Xinka, falantes mais adultos que ainda usavam esta língua em sua comunicação diária. O produto final desse trabalho resultou em uma documentação cuidadosa dessa língua. Na atualidade, as pessoas que ainda falavam essa língua morreram e ela já não é mais falada.

Na direção traçada por Campbell, podemos concordar com Ladefoged e Everett (1996) que as línguas em perigo de extinção, particularmente as línguas ameríndias, costumam apresentar características linguísticas pouco ou nada conhecidas pelas teorias linguísticas vigentes. Por exemplo, o achado descrito por Ladefoged e Everett de um segmento oclusivo dental seguido de uma vibrante bilabial /tɓ/ em Wari’ e Oro Win, línguas da família linguística Txapakura. O próprio Campbell teve a oportunidade de descobrir em Nivaclé, uma língua da família Mataco falada no Chaco Paraguai e na região de Salta, Argentina, a ocorrência de um fonema complexo /k̄l/ pronunciado simultaneamente com os pontos de articulação dorsal e coronal, um tipo de segmento complexo que não tinha sido encontrado em alguma outra língua. “Descobertas” feitas pelos linguistas “de um som de fala previamente desconhecido é

⁵ Linguista Norte-americano, especialista no campo da linguística Mesoamericana, faleceu no mês de março do ano de 2022.

como encontrar uma nova espécie de mamífero ou pássaro é para os biólogos” (Tradução nossa, p. 42).⁶

O trabalho de campo pode nos levar a descobrir muitos outros aspectos, como encontrar variedades de línguas ainda desconhecidas, aspectos estruturais, sobretudo na estrutura gramatical e que são relevantes para o avanço teórico em torno a nosso conhecimento das línguas naturais. Contudo, as possíveis “descobertas” podem também estar latentes nos usos da linguagem e nos eventos comunicativos, como mostra o autor respeito da comunicação multilíngue entre os povos Chorote, Nivaclé e Wichí, na localidade da Misión La Paz, na província de Salta, Argentina (p. 50). Por outro lado, as pesquisas concretizadas em arquivos nacionais e internacionais nos podem levar a desvendar escritos antigos, produzidos no período colonial, além de muitos outros elementos relacionados com a cosmovisão de um determinado povo ou as relações socioculturais que ficam plasmadas no léxico de uma determinada língua, entre outros.

Vários casos englobados como “descobertas” por Campbell merecem especial destaque pelo fato de terem servido de base para que determinados pressupostos teóricos assumidos como certos, fossem modificados. Tal é o caso da ocorrência de um único segmento implosivo uvular desvozeado [ɗ] em línguas maias das terras altas da Guatemala, fato que vai de encontro ao pressuposto teórico que as implosivas nas línguas sempre são vozeadas, além da observação que a presença de uma implosiva uvular implicaria, a ocorrência de implosivas nos pontos bilabial [ɓ] dental/alveolar [ɗ] e velar [ɠ], mas essa correlação assumida pela teoria fonético-fonológica não se dá nas línguas maias (p. 47).

Além dos exemplos citados no componente fonológico das línguas descritas, Campbell traz, adicionalmente, aspectos relacionados às gramáticas das línguas. Um desses casos é a não existência de tempo verbal na língua Nivaclé (Mataco). O que seria tempo verbal nas línguas indo-europeias, em Nivaclé infere-se a partir do uso dos dêiticos demonstrativos. Nesse sentido, a manifestação do demonstrativo *naʔ* [+próximo, +visível para o falante] o evento é considerando no presente. Por sua parte, o demonstrativo *xaʔ* [-próximo, - visível para o falante, + testemunhado] é interpretado como um evento já acontecido, no passado, como se confere no exemplo citado pelo autor:

(1) *yoy* *naʔ* *siwanak*
fugir DEM.VIS peixe.dourado
‘O peixe dourado está fugindo [visível para o falante]

(2) *yoy* *xaʔ* *siwanak*
fugir DEM. NÃO.VIS peixe.dourado
‘O peixe dourado escapou [não visível, mas visto anteriormente]

Campbell (2022: 49)

O Nivaclé, como mostra Campbell, apresenta algumas propriedades pouco conhecidas nos estudos das línguas indígenas sul-americanas. Trata-se dos afixos lexicais que são encontrados, sobretudo em línguas da costa noroeste da América do Norte, tais como em Salish, Chemakuan e Wakashan. O Nivaclé teria aproximadamente trinta (30) desse tipo de sufixos, ou seja, morfemas com conteúdo semântico, semelhante a nominais específicos, porém carentes de independência fonológica (cf. exemplos, p. 69-72). Em termos do autor, “[O]s significados desses sufixos referem-se a coisas tão concretas que esperaríamos que não fossem sufixos nas línguas; em vez disso, esperaríamos que eles aparecessem como palavras

⁶ “of a previously unknown speech sound is like finding a new species of mammal or bird is to biologists” (p. 42).

totalmente independentes” (Tradução nossa, p. 68).⁷ Ressaltamos que uma questão a ser discutida é ver o comportamento morfossintático dos sufixos lexicais em comparação com os processos de incorporação, formação de palavras compostas, classes nominais, classificadores, ou mesmo da ocorrência de aplicativos, para ter uma melhor compreensão desse tipo de sufixos lexicais.

Outro tópico interessante que o autor destaca, é o surgimento de palavras tabus, em situações de contato linguístico. Isto acontece quando uma palavra comumente empregada em uma determinada língua acaba sendo evitada ou completamente substituída por outra, fato que acontece quando a palavra original coincide com a forma fonética de uma palavra considerada tabu em outra língua. Um dos exemplos citados se relaciona com a palavra *puta* ‘lebre’ na língua Nivaclé, mas como essa palavra coincide fonicamente com *puta* ‘prostituta, ramera’, interpretada como ‘palavrão’ em espanhol, falantes do Nivaclé substituíram esse termo por *nônaxatetax* uma palavra complexa estruturada por *nônaxate* ‘coelho/a’ – *tax* ‘similar a’, ou seja, ‘a coisa semelhante ao coelho’. O aparecimento de palavras tabus nas línguas indígenas dentro do contexto do contato de linguístico é um tema relevante a ser estudado, assim como a criação de neologismos para se referir a nomes de animais, instrumentos, doenças, entres outros, domínios semânticos que, inicialmente, não faziam parte do mundo biossocial das sociedades ~~culturas~~ indígenas.

No Capítulo 4 “*Finding language consultants and working with them*” (Encontrar consultores linguísticos e trabalhar com eles, p. 75-116), Campbell traz uma série de observações e recomendações muito importantes sobre o trabalho de campo, tomando como base sua experiência de pesquisador em diversos contextos relacionados às línguas e às culturas dos povos originários com os quais o autor teve a oportunidade de interagir.

Como sabemos, o trabalho de campo linguístico é conceituado de formas diferentes, desde uma visão mais ampla até outra mais restrita. Por exemplo, o fato de não considerar como trabalho de campo as pesquisas realizadas em centros urbanos ou o desenvolvimento de projetos experimentais, mas apenas aqueles trabalhos realizados em lugares remotos. O conceito de trabalho de campo linguístico assumido por Sakel e Evertt resulta ser mais englobante e abrangente, pois o trabalho de campo para eles: “descreve a atividade de um pesquisador analisando sistematicamente partes de um idioma, geralmente diferente do idioma nativo e geralmente dentro de uma comunidade de falantes desse idioma” (Sakel e Everett 2012: 5, tradução nossa).⁸

Todo linguista de campo, dentro de uma visão mais tradicional, lida com povos de línguas e culturas diferentes, coleta e elicitación de dados tendo como colaboradores os falantes reais, objetivando a elaboração de gramáticas, dicionários e a organização de coletâneas de textos narrativos, além de outros objetivos, tais como a documentação e revitalização de línguas ameaçadas de extinção. Nesse sentido, Campbell descreve suas experiências tidas em seu trabalho de campo com povos indígenas de México, América Central e América do Sul, além de povos originários de Norte América e em outros diversos lugares. Suas experiências refletem em torno ao encontro e as estratégias a ser usado na escolha dos consultores, o tipo de consultores, o aceite ou não da comunidade para realizar a pesquisa e a compensação considerada justa para os falantes que atuam como consultores.

Sem dúvida, o encontro e seleção de bons consultores variam de um lugar para outro, não se pode fazer uma padronização ao respeito. A nossa própria experiência de campo com povos da Amazônia confirma esse fato. Uma vez aceito para realizar a pesquisa linguística, pode acontecer que o Cacique ou os líderes da comunidade optem por designar o falante ou

⁷ “The meanings of these suffixes refer to such concrete things that we would expect them not to be suffixes in languages; rather we would expect them to show up as fully independent words” (p, 68).

⁸ “describes the activity of a researcher systematically analyzing parts of a language, usually other than one’s native language and usually within a community of speakers of that language” (Sakel e Everett 2012: 5).

falantes que farão o papel de consultores. Em outros casos, o próprio linguista de campo tem a liberdade da escolha de seus consultores. Segundo Campbell, ele mesmo raramente teve dificuldades para ganhar a confiança de população e conseguir desenvolver um trabalho positivo. Alguns episódios anedóticos são citados, como quando as pessoas o viam como feiticeiro, gringo “comedor-de-gente”, ou até, considerado padre/sacerdote estrangeiro. Na década de 80, os linguistas de campo eram também vistos como comunistas e que eles se dedicavam a treinar os indígenas para a revolução; este imaginário expandiu-se para vários países da América Latina, tema mencionado também no texto de Campbell.

Como bem realça o autor, é importante reconhecer que nem todos os consultores têm as mesmas habilidades no domínio dos eventos linguísticos. Os mais adultos, pelo geral, são bons conhecedores das tradicionais orais, outros falantes têm um excelente domínio no campo lexical de sua língua, e, ainda, outros são ótimos consultores em aspectos da gramática da língua que se está estudando. De fato, como Sakel e Everett (2012) salientam, a escolha dos consultores fica atrelada ao tipo de estudo que se pretende desenvolver. Outro aspecto relacionado ao trabalho com os consultores é a compensação, que pode variar entre pagamentos na moeda oficial do país onde é falada a língua, ou na compra de produtos alimentícios, tanto para a comunidade quanto para os próprios consultores, ou na doação de presentes como compra de anzóis para a pesca, facões, machados, roupa, entre outros objetos para serem doados à comunidade. Atualmente, nas aldeias dos povos amazônicos, devido ao acelerado contato com a sociedade nacional, os consultores preferem pagamento em dinheiro efetivo. Apresentam-se também casos em que o pesquisador de campo deve fazer um certo pagamento de taxa como acordo inicial para entrar na aldeia.

Em “*Perils, parasites politics, and violence*” (Perigos, parasitas, política e violência, capítulo 5, p. 117-163) é apresentado uma visão panorâmica dos diversos problemas potenciais que o linguista poderia enfrentar em seu trabalho de campo. Algumas dessas dificuldades mencionadas partem das experiências que o autor encontrou em os países onde desenvolveu seus estudos. Os problemas relatados abarcam, sobretudo, doenças que podem ser transmitidas por insetos como as pulgas, que são parasitas externos encontradas em determinados animais domésticos, principalmente em cachorros e gatos. Também carrapatos que têm como hospedeiro o corpo do cachorro, gato, gado, ou em mamíferos roedores como a capivara. Os carrapatos podem transmitir uma série de doenças letais ao ser humano, com a febre maculosa que, se não for tratada, pode ser letal para a pessoa.

Outros perigos descritos por Campbell relacionam-se com as ferroadas de escorpiões e picaduras de cobras, além do perigo da doença de chagas transmitida principalmente pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*. Os insetos transmissores da doença de chagas são conhecidos popularmente no Brasil sob o nome de *barbeiros*. Esses insetos se espalham por vários países da América Latina, entre eles Bolívia, Brasil, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Além dos perigos inerentes da própria natureza, outros aspectos arrolados nesse capítulo são os cuidados a serem tomados em contextos que apresentam violências produzidas pelos movimentos sociais ou pela presença de narcotraficantes e movimentos guerrilheiros, como aconteceu pela década dos anos 80 na região dos Andes e em vários setores da região amazônica peruana. Menciona, igualmente, a relevância de o linguista de campo manter-se afastado da política local do país onde o linguista realiza sua pesquisa. Esta recomendação específica é feita considerando que “muitas vezes algumas pessoas vão tentar nos seduzir ou nos forçar a tomar partido em algum desacordo político” (Tradução nossa, p. 149).⁹ Ele menciona os potenciais conflitos interétnicos, disputas de territórios, entre outros, e que, na prática, poderiam originar, causar sérios problemas para a pesquisa linguística e os esforços que se estejam realizando com projetos de documentação e revitalização linguística. Alguns

⁹ “often some people will try to entice us or force us to take sides in some political disagreement” (p. 149).

exemplos de incidentes durante seu trabalho de campo em Santo Domingo de Guzmán (El Salvador), no território dos Wichi (Argentina), na região do povo Q'eqchi' (Guatemala) são descritos com certos detalhes específicos para cada caso (p. 149-155).

No capítulo 6 “*Eating, drinking, and matters of health*” (Comer, beber e questões de saúde, p. 164-178) são incluídas algumas recomendações relacionadas à alimentação e os cuidados em torno à saúde do pesquisador. Em termos do autor, “relato algumas experiências pessoais envolvendo alimentação e saúde, aliadas a uma espécie de segunda intenção de permitir que outros se beneficiem de meu erro e tomem precauções” (Tradução nossa, p. 164).¹⁰

Respeito da alimentação, o autor recomenda aceitar a comida ou bebida que lhe são oferecidas para não ofender o hospedeiro. Contudo, ele faz a ressalva que ninguém tem a obrigação de comer ou beber tudo o que lhe é oferecido, principalmente tendo em conta que determinado alimento ou bebida pode deixá-lo doente. Nesse caso, é preferível recusar com muita polidez para se evitar qualquer mal-entendido. Pode ser mais prejudicial se o pesquisador ficar doente e se vindo obrigado a voltar para sua região de origem, truncando, dessa maneira, o projeto de pesquisa que estava em andamento. Nesse sentido, o pesquisador de campo deve tomar os cuidados possíveis para não ficar doente durante seu período de trabalho de campo. A primeira parte do capítulo é fechada com alguns conselhos básicos a ser considerados e, dessa forma, tratar de evitar enfermar-se por comer e/ou beber em ambientes ao qual seu organismo não está acostumado (p. 170-171).

Um aspecto relacionado também à saúde diz respeito ao perigo do pesquisador de campo contrair malária. A malária, muito comum nos países da América Latina, é transmitida via a picada da fêmea do mosquito *Anopheles* infetada pelo microrganismo *Plasmodium*. Como medida de prevenção, ou mesmo para seu tratamento, recomenda-se tomar a hidroxicloroquina umas semanas prévias à viagem para o trabalho de campo. De acordo com o autor, é importante tomar medidas de prevenção individual para evitar a picada do mosquito; por exemplo, usar calça cumprida e camisa com manga longa, assim como se recomenda permanecer no interior da casa no período que os mosquitos estão ativos. No momento de dormir se podem usar mosquiteiros como uma forma de se proteger da picada dos insetos (p. 120-121).

Em “*Surviving fieldwork: Travel and living in the field*” (Sobrevivendo ao trabalho de campo: viajar e viver no campo, cap 7, p. 179-24), Campbell considera seu trabalho de campo linguístico dentro das vertentes mais ortodoxas, que envolve viagens fora do lugar de moradia do pesquisador, permanecendo em lugares, muitas vezes, longe do que seria ideal. Ele retoma o conceito apresentado no cap. 1, na introdução: “O trabalho de campo, geralmente, envolve pelo menos algumas viagens de longa distância de e para o local do idioma que é o objeto do trabalho de campo e a permanência em acomodações muitas vezes onerosas” (Tradução nossa, p. 179).¹¹

Neste capítulo, Campbell partilha algumas dicas com base em suas próprias experiências de campo e que possam resultar úteis para os que se iniciam em trabalhos de campo linguístico. De fato, como afirma o autor, nem tudo que é descrito por ele, pode ser universal, pois os contextos do trabalho são muito diversificados, dependendo dos lugares onde se realiza a pesquisa linguística. As viagens podem ser realizadas por avião, ônibus, carros, barcos, botes, canoas, até cavalos, mulas, e inclusive casos em que é necessário deslocar-se a pé, ou seja, caminhando. O transporte local em ônibus, segundo o autor, é comum em América Central e em México, mas que geralmente são bastante incômodos e nada seguros. Campbell teve também a oportunidade de alugar carro e conseguir se mobilizar de um lugar para outro, mercê aos fundos de apoio econômico conseguido para seu projeto de pesquisa. O uso de carro

¹⁰ “I report some personal experiences involving food and health, coupled with something of an ulterior motive to allow others to benefit from my mistakes and to take precautions” (. 164).

¹¹ “fieldwork usually involves at least some long-distance travel to and from the location of the language that is the object of the fieldwork, and staying in often taxing accommodations” (p, 179).

também lhe foi fatível para seu trabalho de campo relacionado ao projeto das línguas do Chaco, na região Misión La Paz, em Argentina. Comparando a forma de mobilizar-se durante o trabalho de campo linguístico mencionado por Campbell, podemos afirmar que há muitas diferenças com o trabalho de campo que se realiza junto aos povos indígenas da Amazônia, dado que para chegar às aldeias correspondentes, a maioria das vezes, o transporte é por via fluvial, ou mesmo, mediante a contratação de táxis aéreos que consiste em se deslocar em pequenos aviões de aluguel para poder chegar a lugares onde não há outra forma de chegar.

Neste capítulo, o autor também reporta dados relevantes sobre o alojamento, higiene, alimentação, todos vinculados à permanência no lugar onde se está realizando o trabalho de campo. Concordamos plenamente com Campbell que as condições e experiências mencionadas em seu texto são bastante gerais e que variam de um lugar para outro. Por exemplo, muitos dos fatos descritos não se aplicariam taxativamente quando se realiza trabalho de campo em aldeias dos povos indígenas da Amazônia.

Por último, concluindo o capítulo, encontramos um leque de recomendações que o pesquisador de campo deve considerar antes de se deslocar para seu trabalho de campo. O autor é ciente de que a situação de campo varia enormemente, o que pode ser bom ou mesmo indispensável para uma determinada região, pode ser impraticável ou não ser útil para outra. Em termos dele:

O que você pode levar obviamente depende de vários fatores, da grana, dos equipamentos que você tem, para onde vai, como vai chegar, quanto tempo vai ficar, quais são os objetivos da pesquisa, clima e condições físicas e assim por diante. (Tradução nossa, Campbell, 2022: 223)¹²

Uma listagem de necessidades é elencada tomando como exemplo tudo o que foi considerado essencial para seu trabalho de campo com línguas faladas na região do Chaco argentino, materiais incluídos tanto para o pesquisador principal do projeto quanto para seus assistentes da pesquisa. Mesmo considerado como uma lista Cinderela sob os parâmetros do autor, nem todos os itens incluídos nessa lista seriam fatíveis para os linguistas de campo sul-americanos, que na maioria dos casos, vêm-se obrigados a comprar vários dos produtos mencionados com seus próprios recursos econômicos.

Em *What next? What is needed in endangered language research?* (Qual o próximo? O que é necessário na pesquisa de línguas ameaçadas? p. 235-261) é o último capítulo desta publicação. Nele, Campbell esboça as expectativas e demandas da documentação de línguas ameaçadas, dentro do contexto do trabalho de campo. Ele nos lembra das gravações que conseguiu fazer, além da documentação de uma diversidade variada de línguas, resultado de seu trabalho de campo que estão sendo processados e arquivados, para posteriormente serem disponibilizado on-line, materiais consistentes, particularmente, de vocabulários e dicionários (Campbell 2022: 235).

Antes de tudo, Campbell traça um breve histórico dos começos da linguística e da antropologia Norte-americana e o papel que desempenhou Franz Boas (1858-1942) tanto nos inícios dessas áreas do conhecimento, como na ênfase que Boas deu para a descrição das línguas e culturas indígenas antes que elas desapareçam. Logo depois, nos transporta para o tema da pesquisa das línguas ameaçadas e sua interface com a documentação linguística. Destaca as comunicações apresentadas no Simpósio da Sociedade Linguística da América realizado em (1991) e a publicação dos trabalhos discutidos nesse Simpósio (1992). Nessa publicação, destaca-se o texto de Michael Krauss “*The world’s languages in crisis*”, autor que colocou em alerta à comunidade linguística internacional que, pelo menos, 50% das línguas

¹² What you can take with you obviously depends on several factors, on the funds you have for equipment, where are you going, how you will get there, how long you will stay, what the objectives of the research are, climate and physical conditions, and so on” (p. 223).

atualmente faladas, encontravam-se ameaçadas de desaparecer, e a tarefa urgente de documentá-las e inverter na revitalização dessas línguas. Justamente, a partir de 1992, deram-se inícios a pesquisas organizadas em torno às línguas em perigo e diversos povos falantes de línguas ameaçadas empreenderam seus próprios programas de revitalização e empoderamento de suas línguas.

Campbell retoma, sob uma leitura crítica, o artigo inicial de Himmelmann em que este autor argumenta os motivos para estabelecer uma fronteira entre documentação e descrição de uma língua (Himmelmann 1998: 163). Por sua parte, Campbell e muitos outros linguistas de campo ponderam que a documentação e a descrição linguística não se dão por separado. Ao contrário, seguindo a tradição iniciada por Boas, a documentação inclui a elaboração de gramáticas, dicionários, coleta e gravação de textos representativos de um leque diverso de gêneros discursivos. Nesse sentido, uma documentação sistemática já inclui a análise linguística vinculada à elaboração de gramáticas, dicionários, além de uma variedade de textos cuidadosamente arquivados em diversas bases de dados atualmente existentes (Campbell 2022: 141-142). Sem negar a importância dessas bases de dados, que o autor menciona, espalhados por alguns países de Europa e os Estados Unidos pouco ou nada contribuem com os próprios falantes dos povos originários.

Vários outros temas muito relevantes são discutidos neste capítulo, tais como os aportes da documentação para a teoria linguística, as diversas causas que levam as línguas ao estágio de serem ameaçadas, os conflitos geopolíticos que surgem nos países que se caracterizam por serem multilíngues e pluriculturais e o debate entre manter ou reduzir essa diversidade; o triste legado do colonialismo e o genocídio dos povos originários, e os processos de decolonização nos movimentos atuais dos diversos povos ameríndios.

Finalizando o capítulo, Campbell levanta a questão sobre *O que esperar e o que fazer agora?* Nesse aspecto, ele nos lembra de que nos mais de trinta anos do chamado de Michael Krauss (1991) de nos armar para desenvolver a empreitada em torno ao futuro das línguas ameaçadas, surgiu uma série de agências de fomento, governamentais e não governamentais envolvidas no apoio da documentação e trabalhos com as línguas ameaçadas. Também destaca a publicação de revistas especializadas com a *Language Documentation and Conservation* (<https://nflrc.hawaii.edu/ldc/>), além de uma variedade de publicações sobre gramáticas, dicionários, entre outros tipos de publicações e repositórios destinados ao arquivamento de materiais primários de línguas ameaçadas.

Linguist on the loose. Adventures and misadventures in fieldwork é, sem dúvida, uma esplêndida publicação da autoria de Lyle Campbell, um linguista de campo reconhecido internacionalmente por seus estudos linguísticos no campo da linguística histórica, mas, sobretudo, na documentação, descrição e revitalização das línguas ameaçadas de extinção, tendo como foco central as línguas e culturas dos povos ameríndios, que de maioria, passaram a ser minorizadas no seio das sociedades nacionais globalizantes.

Os conteúdos cuidadosamente apresentados por Campbell é uma mostra clara que é possível fazer ciência linguística sem descuidar de seus aportes sociais, principalmente, em aquelas sociedades que se caracterizam pela diversidade étnica, linguística e cultural.

Mesmo que *Linguist on the loose. Adventures and misadventures in fieldwork* não seja propriamente uma publicação específica sobre trabalho de campo em linguística, os temas descritos nos oito capítulos que compõem o livro, refletem os vários anos de experiência obtidos pelo autor em suas pesquisas relacionadas à descrição, documentação, análise e revitalização das línguas que se encontram ameaçadas de desaparecer, principalmente as línguas originárias faladas nos países da América Latina. O objetivo do autor é justamente transmitir essas experiências obtidas durante anos de trabalho de campo tanto para linguistas experientes quanto para jovens linguistas que os auxiliem no fascinante mundo de fazer trabalho de campo com povos ainda desconhecidos ou pouco conhecidos.

Adicionalmente, devemos reconhecer o cuidadoso trabalho editorial realizado pela editora da Edinburgh University, uma edição sem erros de digitação, além de apresentar um índice de assuntos e de línguas, famílias linguísticas e grupos étnicos.

Referências

- Campbell, Lyle (2022). *Linguist on the loose. Adventures and misadventures in fieldwork*. Edinburgh University.
- Campbell, Lyle; Grondona, Verónica (eds.) (2012). *The indigenous languages of South America guide*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Campbell, Lyle; Díaz, Luis; Ángel, Fernando (2020). *Nivaclé grammar*. Utah: Utah Press.
- Himmelman, Nikolaus P. (1998). Documentary and descriptive linguistics. *Linguistics* 36(1): 161-195. <https://doi.org/10.1515/ling.1998.36.1.161>
- Krauss, Michael (1992). The world's languages in crisis. *Language* 68(1): 4-10. <https://doi.org/10.1353/lan.1992.0075>
- Meakins, Felicity; Green, Jennifer; Turpin, Myfany (2018). *Understanding linguistic fieldwork*. London and New York: Routledge.
- Ladefoged, Peter; Everett, Daniel (1996). The status of phonetic rarities. *Language* 72(4): 794-800. <https://doi.org/10.2307/416103>
- Sakel, Jeanette; Everett, Daniel L (2012). *Linguistic fieldwork. A student guide*. Cambridge: Cambridge University Press.

CRediT – Taxonomia de roles de colaboração acadêmica

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora e o autor declaram não terem interesse comercial ou de caráter associativo que prejudiquem a publicação de esta resenha, submetendo-se às normas de publicação da Revista *LIAMES*.

CONTRIBUIÇÃO DA AUTORA E DO AUTOR

O trabalho foi elaborado em colaboração mútua entre a autora e o autor, participando da leitura da obra e redação do texto. Adicionalmente, a revisão final da escrita em português foi realizada pela autora Camille C. Miranda.

Recebido: 2/1/2023
Versão revista: 3/1/2023
Aceito: 4/1/2023
Publicado: 5/1/2023